

imitação, como se fosse esse o único meio de reservar para uns a posse real e legítima desses bens exclusivos” (p. 225). Noutro texto dos anos 90, “*As contradições da herança*”, Bourdieu analisa processos de constituição da subjetividade dos indivíduos, a partir das formas de “sofrimento social” originadas pela família e a escola, detendo-se nas contradições inerentes ao sucesso escolar dos filhos de famílias desfavorecidas. Em seu entender, quando os pais depositam em seus filhos a esperança de “uma vida melhor”, acabam por negar a própria trajetória, enfrentando o receio de que seus filhos se afastem por completo das suas origens populares com as quais se identificam.

Vale mencionar, ainda, as observações feitas no prefácio, no primeiro capítulo e no último texto da coletânea que, tomadas conjuntamente, podem ser vistas como um alerta para a necessidade incontornável de considerarmos os processos sociais envolvidos na produção e difusão do conhecimento científico. Nesse sentido, é de extrema relevância a análise feita por Bourdieu acerca da “hierarquia social dos objetos”, evidenciando os mecanismos por meio dos quais se legitimam os objetos dignos do investimento intelectual dos agentes e que funcionam como uma espécie de censura do próprio campo científico, pois negam aos objetos considerados menores qualquer tipo de interesse que resulte em estudos que lhes dêem um tratamento adequado. De igual relevância é a advertência que o sociólogo faz no prefácio, “*Sobre as artimanhas da razão imperialista*”, quanto às apropriações ligeiras e ingênuas de um pensamento que se constitui estreitamente vinculado à realidade francesa. É evidente que isto não

significa que as análises de Pierre Bourdieu e sua equipe sejam válidas apenas para a realidade à qual se referem, mas sim que as condições sociais de produção dessas categorias analíticas devem ser consideradas no exame dos problemas que afetam o sistema de ensino de outros países. Assim, a leitura dos textos integrantes de *Escritos de educação* contribui justamente para essa compreensão e apropriação menos ingênua das possibilidades de estudos da educação e da sociedade em nosso país.

Rosário S. Genta Lugli  
e Paula Perin Vicentini  
Doutorandas, Universidade de São Paulo

NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester.  
*Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos (1911-1933)*. São Carlos: Editora da UFSCar/FAPESP, 1996.

Este trabalho, realizado conjuntamente por Paolo Nosella e Ester Buffa, professores e pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos, tem como tema a antiga Escola Normal de São Carlos, uma instituição típica da República Velha. Inaugurada em 1911, a Escola foi, até 1933, referência pedagógica máxima e — por que não dizer? — hegemônica da educação da cidade e região. Estudá-la, portanto, nos possibilita perceber a linha geral do desenvolvimento educacional do município e, de certa forma, contribui para melhor compreender a política educacional nos primórdios do período republicano.

Para amearhar as informações de que necessitavam nesta empreitada, os autores recorreram a

fontes diversas tais como jornais e revistas da época, fotos do prédio e das primeiras turmas de formandos, projeto arquitetônico da escola, diários escolares, legislações pertinentes, assim como à memória oral de seus antigos professores e alunos. Contudo, alertam os autores, para escrever história é preciso mais: questões e hipóteses bem definidas e uma orientação teórica são fundamentais.

Atentos aos últimos debates metodológicos, em que estão imersos cientistas sociais e historiadores, concernentes ao dilema entre elaborar uma interpretação da sociedade e da história mais genérica e paradigmática ou “mergulhar no detalhamento de aspectos singulares, quase sempre fascinantes” (p. 19), os autores fazem a opção acertada: conseguem encontrar um ponto de equilíbrio entre uma abordagem macro e outra micro-histórica. Tendo sempre no horizonte o perigo de deixar-se enleiar pela sedução do objeto, como apontam insistentemente os críticos marxistas, não temem em aventurar-se nas ricas contribuições que as novas metodologias trazem, sendo capazes de tramar seus fios de modo a tecer uma análise bastante lúcida do período retratado.

A questão central do estudo é a tentativa de “compreender o trabalho como um *princípio pedagógico* na educação brasileira” (p. 8), desvendando qual a forma produtiva característica do período que definia os contornos de uma sociedade e suas instituições, inclusive as escolares. Além disso, pretende discutir *como* esta forma produtiva influenciou a instituição escolar. Essa questão nunca é abandonada em favor das reminiscências que fatalmente evoluem de tal objeto. Ao contrário: ela perpassa todo o livro e é dela que

partem outras indagações aventadas pelos autores.

A partir da história da criação da escola, da minuciosa descrição de seu edifício, do levantamento de seu corpo docente e de sua clientela, e da análise dos conteúdos programáticos, eles buscaram apreender as formas concretas que assume o trabalho como um princípio educativo. Buscaram, ainda, reconhecer, nas disputas políticas municipais que cercaram a criação da Escola Normal, o projeto educacional da República Velha — cujos ideais, demonstram os autores, não foram plenamente alcançados — assim como os projetos prioritários da nação nas áreas econômica e social. Tentaram, também, com sucesso, captar o clima cultural da época com seus valores e o ideário vigente naquela sociedade agrária que começava lentamente a industrializar-se.

É interessante acompanhar o percurso dos autores para chegar, através da articulação entre os aportes teóricos e os dados encontrados, a algumas teses e conclusões. A primeira envolve o *prestígio* da Escola e a percepção de que ele não decorria, como se poderia esperar, da qualidade do professor que formava e de seu engajamento no magistério. Decorria, na verdade, do rigor dos estudos de cultura geral necessária à formação dos dirigentes da sociedade tradicional. Para tanto, a ênfase dos currículos na cultura humanística clássica tinha por função precípua a “*distinção social* do grupo que a possuía, consagrando seu afastamento do trabalho mecânico e manual” (p. 16), o que leva os autores a concluir que a Escola Normal “*vivia e reproduzia um clima cultural marcado por uma profunda ruptura com o trabalho*” (p. 16). A

reforçar essa conclusão está o fato de que as alunas das primeiras turmas, filhas dos fazendeiros de café e dos grandes comerciantes, ao se formarem não iam lecionar, dando ao diploma uma importância ornamental, que complementaria o dote matrimonial.

O estudo desta Escola republicana terminou por desvelar aos autores que a República que se instalou entre nós foi uma “*república mutilada*” (p. 16), pois excludente. Seus cidadãos plenos ainda eram os próprios senhores do Império, portanto não houve qualquer tipo de ruptura social — o poder não mudou de mãos. No âmbito da educação, a elite, ao apropriar-se da Escola Normal, priorizou a produção e a reprodução de uma cultura geral distintiva que visava, sobretudo, “*demarcar e legitimar uma fronteira intransponível entre si e os trabalhadores manuais*” (p. 105), em detrimento do objetivo proclamado pelo Estado — a formação de professores para atender aos ideais republicanos de estender a todo o povo o curso primário, pois a nação precisava urgentemente organizar a “*massa informe da população*” (p. 102) (ex-escravos, imigrantes e trabalhadores em geral).

Um exemplo desta apropriação pode ainda ser observado por aqueles que passam pelo majestoso prédio da Escola Normal. A relevância de um estudo de seu projeto arquitetônico, como bem fizeram os autores (o capítulo em que discorrem sobre o prédio contou com o auxílio do arquiteto e professor da EESC/USP Gelson de Almeida Pinto), está no fato de compreenderem que a “*arquitetura enquanto expressão humana nunca é arbitrária ou casual e sim uma linguagem orgânica dos valores e potencialidades de determinada*

sociedade” (p. 42), lembrando que “*a sofisticação artística do prédio era impossível de ser popularizada*” (p. 44), reafirmando, assim, a distância entre elite e povo.

Finalizando, os autores apontam ainda que, a partir dos anos 30, o industrialismo moderno introduziu o trabalho como princípio de uma cultura e de uma nova escola, pondo em xeque a hegemonia absoluta de um modelo pedagógico concebido a partir do humanismo clássico tradicional. É o momento inicial do declínio da Escola Normal Secundária. Em 1931, a Reforma Francisco Campos complexifica a organização do ensino médio, transformando-a em mais uma das tantas modalidades escolares. Ao abrir suas portas à modernização do ensino, seu prédio passa a abrigar cursos que não se relacionam com a formação de professores, e a explosão do número de matrículas nos seus novos cursos não teve o respaldo de uma política educacional que propiciasse as condições necessárias à tamanha expansão.

Uma última questão que merece a atenção dos autores está voltada para o futuro e se refere à formação dos professores. A cargo de quem está, afinal, este tipo de formação? Aos cursos de magistério? Aos cursos universitários? Sugerem que a solução consiste em “*resgatar o legado original e positivo da Escola Normal evitando reproduzir seu elitismo.*” (p. 110). Talvez fosse o caso de, em suas próprias palavras, “*reinventar um centro de formação de professores pautado no humanismo que se inspira no trabalho, na técnica e nas artes modernas*” (p. 110).

Ao cabo de dois anos de trabalho, o que temos em mãos é um belo livro ricamente ilustrado que, entre outras coisas, resgata a

memória de uma escola. Engana-se, entretanto, quem espera encontrar em suas páginas uma história saudosista e ufana dessa instituição. Ao eleger a Escola Normal de São Carlos como objeto de seu estudo, os autores pretenderam, antes, escrever uma história de caráter interpretativo e, a partir disso, elaborar uma síntese teórico-interpretativa da história da educação no próprio município. Para tanto, nada melhor do que se terem permitido ouvir a Escola Normal Secundária contar sua história.

*Ana Elisa de Arruda Penteado*  
Faculdade de Educação,  
Universidade Estadual de Campinas